



Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

26 de Março de 2022 • Ano LXXIX • N.º 2036

Quinzenário • Jornal de Distribuição Gratuita

Fundador: Padre Américo

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES PELOS RAPAZES

Director: Padre Júlio
Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes

DA NOSSA VIDA

Renovar

NÃO haverá nenhuma razão objectiva para que Caim tivesse matado o seu irmão Abel. Este era um homem bom para com todos e amigo de Deus. Porque cometeu então Caim este assassinato? Só porque se sujeitou ao poder do mal que o tentou pela inveja, nada mais.

Ao longo dos tempos a tentação persiste nos filhos de Adão, tentações que culminam muitas vezes na morte; hoje também não lhes somos incólumes.

Caim queria para si o bom e o melhor, dando somente aos outros e a Deus o que para ele não tinha qualquer proveito. O seu irmão Abel dava o melhor do que tinha, e isso foi-lhe atribuído como mérito. Isto desagradou profundamente a Caim, gerando nele sentimentos que abriram o seu coração ao tentador que lhe deu razões e força para aniquilar o seu irmão.

No grande problema com que se defronta a humanidade hoje, tanto quanto posso concluir do que vou ouvindo, vendo e lendo, o Povo ucraniano e

BENGUELA — VINDE VER!

«Todo o tempo é pouco para revelar Cristo às almas»

O aniversariante do dia é o nosso Jornal «O Gaiato». Ele vai à rua para estar na rua com os que andam pelas ruas da vida em busca de alívio para as suas feridas. Ele vai a tua casa e entra pelo telemóvel e pela janela do teu computador para dizer *Olá*, a quem hoje ainda não recebeu uma saudação, ou um beijinho das pessoas que

estão mais próximas. Ele vai ao teu encontro para dizer *aqui estou! Posso ser o teu companheiro de viagem?* Neste momento, se a resposta for positiva, então deixa-se estar tranquilo. E uma vez acomodado nas tuas mãos deita-lhe o olhar atento e navega em cada crónica encontrada! Em cada artigo feito com amor e realismo puro. Mais não há, em escrito algum, que tenha conhecimento. Tantas vidas feitas doação. — Obrigado ao nosso Bom Deus! Obrigado aos homens e mulheres de boa vontade que conheceram a Obra da Rua por meio deste valioso instrumento de comunicação, — que é o rosto apresentado à sociedade, aos de longe e aos de perto, aos de fora e aos de dentro da família, sobre a nossa vida. Na coluna onde habitualmente escreve o nosso Padre Júlio, encontra-se esta expressão: **DA NOSSA VIDA**. O nosso estimado leitor, tem em mãos quinzenalmente todo o conhecimento das Casas do Gaiato. As alegrias e tristezas, sonhos e pesadelos, preocupações de toda ordem e a toda hora. É normal, todas as famílias têm momentos altos e baixos.

O primeiro encontro com «O Gaiato» que circula por meio

digital com grande velocidade que num segundo chega aos endereços electrónicos dos assinantes, é especial. Trata-se de uma comunicação viva e entusiasta, que carrega consigo a marca da verdade, da sede de justiça que brada o grito dos pobres e de quem luta dia e noite por sustentar e nutrir sonhos de criança que quer ser gente.

O Jornal «O Gaiato» é a voz dos que ainda não aprenderam a falar. Também o é dos que já sabem falar, mas ainda não aprenderam a escrever. É ainda a voz daqueles que já sabem falar e escrever e têm medo de o fazer. Hoje é o dia desta voz que revela Cristo vivo e peregrino encarnado em cada irmão que sofre as atrocidades desta vida; da fome, da miséria, do abandono, da falta de esperança num mundo que possa pelo menos permitir a construção de um futuro melhor para todos.

A conclusão é de Pai Américo «Aquele a quem Nosso Senhor deu o talento de escrever, escreva como quem reza. Prepare-se como quem vai falar de Deus. Só desta forma corresponde e faz valer o dom.»

Padre Quim

o Povo russo dão-se como irmãos. Prevalecia a simpatia entre estes povos. No entanto, alguém os lançou um contra o outro, e agora matam-se e destroem as suas vidas contra o que seria naturalmente o seu desejo e o seu querer, resultado da mentira de um inimigo comum.

Em muitos países onde não há guerra, há muitos anos que um inimigo comum semeou neles o joio da mentira para aceitarem, sem “pestanejar”, a morte de muitíssimos inocentes ainda no seio de suas mães. Tão sub-reptícia foi esta manipulação, que se espalhou e se instituiu legalmente, com a força que é típica das ervas daninhas ruins. Estes acontecimentos da Rússia / Ucrânia, deveriam servir para se abrirem os olhos para se perceber o poder da mentira e ter ouvidos para escutar as vítimas desta mortandade silenciosa mas terrível.

Não ficam por aqui os objectivos que estes semeadores de morte pretendem alcançar. De facto, estão sempre relacionados com a morte - física, espiritual e até do pensamento, anulando a liberdade individual de objecção de consciência.

Porém, a morte não tem a última palavra. É sempre a vida e a verdade que prevalecem. O mundo gira, mas a Cruz onde a morte é vencida, permanece.

Não há-de ser em vão que esta indesejada diáspora acontece. Mulheres e crianças, tidos como os mais fracos dos seres humanos, darão o seu testemunho de vida pelas terras por onde hão-de passar. Sendo as crianças uma grande parte do todo que constitui a população da nação ucraniana, farão com que muitos se interroguem e redescubram o valor da criança amada no seio familiar e a forte ligação à família e à terra pátria e mãe. Têm sido muito fortes os testemunhos deste Povo sofredor. Que a Páscoa que se aproxima lhe seja um acontecimento renovador.

Padre Júlio

PATRIMÓNIO DOS POBRES

CADA dia me parece mais clara a recomendação do Papa Francisco de **irmos às periferias sociais**, eu diria ao submundo, um universo escondido que a sociedade organizada não conhece.

Um mundo social que vive debaixo de outro ‘mundo organizado’ o qual poucos conhecem, onde o sofrimento é atroz.

Não foi nas universidades frequentadas com brilhantismo nem nas conferências que fez ou ouviu ao longo da sua carreira sacerdotal, mas sim nos bairros e favelas, muitas vezes visitadas.

Foi lá que o Evangelho soou a novidade e lhe deu o discernimento da sabedoria. Foi aí que Ele encontrou as amontoadas

injustiças sociais; aonde Ele leu com justeza a parábola do Bom Samaritano que não se cansa de repetir e onde se viu envolvido nas vidas infelizes que tantos outros não conhecem.

Os pobres e caídos são os melhores pregadores do Evangelho de Jesus Cristo e a forma mais correcta de sairmos de um fari-saísmo e um levitismo que nos encobrem tantas formas de injustiça e nos *faz passar ao lado*.

O Padre Américo na sua expressão original gritava também aos clérigos: *Ai se tu conhecesses como é belo o Evangelho dos pobres!...*

Uma abandonada com os seus filhos, pelo telefone desabafou que tinha a canalização da casa toda entupida e visto

na internet a oferta de canalizadores que fariam o serviço por 120€.

Como não tinha nada para pagar e estava a sofrer muito com as suas crianças, uma casa alagada com o próprio lixo, telefonou-me a pedir se lhe pagava o trabalho. Era a máquina de lavar roupa, o esgoto da cozinha e da casa de banho.

Veio buscar o dinheiro. Sentei-a à minha mesa enquanto almoçava, para lhe recomendar que não pagasse, sem primeiro verificar bem, se tudo funcionava. Ela controlou e deu-lhe a quantia estipulada. Daí a pouco descobre que na cozinha haviam coisas entupidas e pelo telefone chamou os homens que ao voltarem exigiram mais 175€ para fazerem o resto.

Continua na página 3

Pelas CASAS DO GAIATO

MIRANDA DO CORVO

ARRANJOS — No muro do redil dos ovinos, a sul, foram colocados painéis de rede com postes, em verde-garrafa, e rebocada a parede norte. Foi posto um portão no pomar e falta outro junto à estrumeira. Um casal amigo disponibilizou-se para encontrar quem trate do restauro urgente e dispendioso dos painéis de azulejos das várias Casas da Obra da Rua, no *jardim de Pai Américo*. O símbolo da nossa Obra — o *Quim mau* —

em azulejo e na entrada antiga, na Rua Casa do Gaiato, também precisa muito de restauro.

AGROPECUÁRIA — Na primeira quinzena de Março, houve alguma chuva, tão necessária. Na nossa horta, um talhão de cebolas está muito bonito e foi plantado outro de cebolo. Ainda foram plantados dois talhões de morangueiros, com plástico. Vão sendo apanhadas alfaces para as refeições e depois plantadas

mais, na estufa. Continuamos a comer citrinos e kiwis dos nossos pomares. Nos vários campos de aveia, as plantas germinaram bem e vêem-se lindos mantos verdes. Foram cortadas ervas daninhas na *terra do gaiato*, no olival do *lameiro*, no novo olival junto à *terra do Ti Jaime* e no *quintal da Tia Adelina*. Foram plantadas muitas oliveiras: 7 no olival próximo da linha do *metro-bus*; mais 33 no olival a poente do *lameiro*; e ainda 23 no olival a poente da *terra do poço novo*. Um lindo cordeirinho negro nasceu e ficou com a ovelha-mãe na

corte dos ovinos. O tractor e a moto-enchada, que são antigos, mas fazem falta, ainda estão a consertar em oficinas.

PARTILHAS E CAMPANHA DE ASSINANTES — É com muita gratidão que deixamos nesta coluna os nossos vivos agradecimentos aos nossos amigos e amigas que nos vão ajudando a suportar as despesas desta Casa. Bem-hajam, muita saúde e a certeza da nossa oração! Conforme nos é possível, continua passo a passo a nossa campanha de novos assinantes, pelo que foram inscritas mais duas novas leitoras d'O GAIATO: Cesaltina e Dália Maria — dos Moinhos, Miranda do Corvo. Contactos da nossa Casa do Gaiato: Obra da Rua — Obra do Padre Américo, Casa do Gaiato, 3220-034 Miranda do Corvo; telef. 239 532 125; correio electrónico: gaia-tomiranda@gmail.com. IBAN: PT 50 0035 0468 00005577330 18; NIF: 500 788 898.

GUERRA NA UCRÂNIA — Como toda a gente, também nós andamos muito tristes e preocupados com a invasão da Ucrânia pela Rússia, pois é uma tragédia para aquele povo, ficando caídos os mortos, os resistentes e uma terra em destruição, e fugindo milhares de pessoas da sua pátria. Temos rezado pela paz, no Terço e na Missa, para que as armas parem e termine esta grande desgraça, na Europa, para além de outros focos de conflitos no mundo.

Rapazes de Miranda

CALVÁRIO - BEIRE



Estou em Beire há muito tempo. Nasci em Benguela, há 67 anos, no Bairro de Benfica. Vim para o Tojal com o Padre Luís e depois para Paredes com o Padre Baptista, que sempre me trataram como um filho. Não tenho irmãos. Sei de uma prima, mas que não vejo há muito. Na nossa casa trato dos animais: porcos e cachorros. Além de cuidar agora da vinha nova que temos. Foi plantada no ano passado e precisa de muita atenção. O Marcelo e a D. Alice é que nos orientam nesses trabalhos. Sou adepto do Benfica e gosto do Grimaldo, que foi jogador do Barcelona. Gosto de ver televisão e ouvir rádio. Depois das refeições dou uma ajuda na copa para arrumar a loiça.

Quando o Padre Quim veio cá, falamos muito da Casa de Benguela: da Graça, do bananal, dos canários, dos antigos gaiatos e muitas outras coisas.

Álvaro Falcão

PAÇO DE SOUSA

JARDINAGEM — O Paulo «Mudo» e o António aproveitaram umas pipas velhas que tínhamos na nossa Adega, para fazer uns belos vasos com várias espécies de plantas, que colocaram em vários locais da nossa Aldeia. Pintaram os aros das pipas com cores azul, branco e amarelo, e aplicaram óleo queimado na madeira. Foi um belo trabalho que fizeram por sua iniciativa.

ESTUFA — Já começamos a colher alfaces da nossa estufa que o Manuel semeou e agora já estão prontas para ir à mesa. Também tem colhido couves e nabiças, para a nossa sopa e para os pratos principais que vamos saboreando às nossas refeições. De vez em quando tem de ir lá arrancar as ervas daninhas para que as plantas se desenvolvam bem.

BAR — Os nossos rapazes que gostam de jogar bilhar snooker, não estão muito contentes com os tacos, porque estão com as cabeças estragadas. Ainda não conseguimos arranjar cabeças novas, pelo que os rapazes têm que jogar conforme é possível. Se algum dos nossos amigos tiver disponível algum taco em boas condições, agradecemos que se lembre de nós.

SUMO — Temos feito sumo natural de laranja com as laranjas do nosso pomar. É uma das minhas especialidades, que os rapazes apreciam muito à refeição. Há outros que para terem menos trabalho, juntam água ao sumo natural, rendendo mais em quantidade mas ficando com muito menos qualidade. Mais vale fazer menos mas de boa qualidade.

Fausto Casimiro

BEIRE — Flash's

... Eu nunca tive um Paraíso assim!...

1. Ao calor da fogueira... O clima *relacional* era mesmo de um 'ao calor da fogueira' — a lembrar as crónicas dos anos 60, do sr. Cónego Amado. Era no *Amigo do Povo*, o jornal mais popular na Diocese de Coimbra. Uma espécie de edição caseira d'O *Correio de Coimbra*. Que, creio eu, terá sido nestas páginas que a pena de Pai Américo começou a fazer furor. Naquilo que, depois, veio a dar *n* volumes com o nome de *Pão dos Pobres*.

Bom. O ambiente era propício. Na mão de cada um dos presentes, um cálicezinho de qualquer *quod ore*¹. O ar próprio e apaziguador de quem "*sabe saborear estas coisas boas que Deus vai criando para os seus amigos*". De permissão — uma historiazinha d'os *meus meninos de Angola*; uma anedota fina (à inglesa...) de P.^o Alfredo. *Um admirador* a observar e a deixar-se tocar. (...). Tudo em *sin*tonia perfeita — para treino da tão desejada (porque tão necessária!) *sin*odalidade, que já tarda.

P.^o Telmo, como é próprio dos seus 97 anos, *entra e sai* do momento que se está a viver. — *Já está noutra, vamos esperar* — dizemos nós. — *Ele volta já!* Sabemos que assim é. Pela idade. Pelo seu

jeito de *poeta místico*. Pelo seu passado, que o preparou para ser, hoje, *aquele santinho de Portugal*² que escreve *aqueles coisas tão bonitas...* Pelo seu presente que, mesmo *velhinho e tontinho* (sic, da boca dele), é um precioso *ex-libris*, emblemático de um Calvário que, lembrado da palavra paulina, acolhe também os seus *domésticos na Fé* (Gl 6,10).

E foi assim, neste ambiente familiar, que P.^o Telmo disparou: — ... *mas isto é um Paraíso! Eu nunca tive um paraíso assim!*...

Nada foi profanado com a fotografia indiscreta. Mas estava ali aquele olhar e aquele *sorriso de menino* que D. Milu³ já registou em tela. Rumino e somo a momentos semelhantes aqui vivenciados. Em que saem assim coisas que me falam da *Presença Ignorada de Deus* na vida das pessoas e das instituições que elas criam. Fecho os olhos e dou graças. *Sin*odalizado na minha velha litania que aprendi de meu pai — *Deus louvado!*

2. Calvário — um lugar bom para morrer. De olhos fechados, mas de coração vigilante, divago. Vejo P.^o Manuel ali sentado no sofá onde, agora, estou

eu. Releio a sua (penso que penúltima) crónica n'O Gaiato. Sublinho — *o Calvário é um lugar bom para morrer*. Sei das dificuldades que teve (e que criou), por um certo e compreensível *apego*⁴ a Benguela e aos seus meninos. — *Eu vim porque me mandaram vir, ora!*... *Eu queria era ficar lá...* Pois. Mas uma *Casa do Gaiato* não foi pensada nem criada para ser um *Calvário*. Muito menos um *Lar de Terceira Idade*, uma *Residencial para Idosos* — na *vulgaridade das obras semelhantes...* Como querem fazer de nós. Não senhor. Haja quem ajude o idoso a ver melhor. Com os olhos do coração, sim, mas também com os olhos da razão — *esses que a terra há de comer...*

3. — ... O lugar dele é aqui, perto de nós!... Foi no fim da Eucaristia. Entregou uns *mimos para a Casa*. Cumprimentou conhecidos e amigos. Rapazes e alguns doentes *já da nossa mobília...* Conheci-o há pouco tempo e ainda conversamos pouco. Mas tudo tem um começo. Contou-me a história dele e de um primo que, *com a sua mulher, aju-*



PATRIMÓNIO DOS POBRES

Continuação da página 1

Desorientada, telefonou-me para ser esclarecida e como fazer. — *Então o combinado não foi apenas aquela quantia de 120€?! Olha que eles são capazes de terem feito de propósito para te extorquir mais dinheiro. Manda-os acabar o serviço e depois dizes que o trabalho está pago.*

Ela estava em casa sozinha com as crianças. Os dois homens ameaçaram-na que não saíam enquanto não lhes desse os 175€.

Cheia de medo, pediu emprestada, a uma pessoa amiga, a quantia exigida para se livrar de tão pesado assombramento.

— *Sozinha em casa, de noite, perante dois homens sem escrúpulos!... Que fazer? — Chamar a polícia, não podia, apenas lhe restava uma saída: dar-lhes os 175€.* Com gente que utiliza o terror para fazer o que lhe apetece. Como poderia reagir uma pobre mulher? E quem não cai em armadilhas feitas com um cinismo tão inteligente!

Tenho andado também envolvido com outra pobre que me apareceu grávida, no fim do ano, a solicitar ajuda para pagar a renda da casa. Dei-lhe dois ou três meses.

Tenho muito respeito por uma pessoa naquele estado, mas disse-lhe que não contasse muito comigo porque este apoio de agora não se repetiria.

As rendas das casas são um afogadilho terrível para uma pessoa sozinha a viver do ordenado mínimo ou do subsídio materno.

Agora tornou a surgir-me com o menino nos braços para que lhe acudisse. Desfolhando uma

série de facturas e chorando que lhe iriam cortar a luz se não pagasse até data muito próxima. Neguei, neguei! Respondi-lhe que não tinha dinheiro, já a tinha ajudado com promessa dela nunca mais me aparecer.

Quis ir à missa que eu ia celebrar. Com a criança agarrada ao seu peito, sentou-se e esteve de pé conforme o cerimonial.

A gente olha. O coração bate e nestas alturas ele é mais forte que a cabeça.

Cá no fundo da Capela, sozinhos perguntei-lhe pelo pai da criança. — *Fugiu para a França.*

A forma franca e atrevida com que lhe falei sobre um homem destes com o qual ela gerou um filho, fê-la abrir a sua intimidade. — *Olhe que eu fui criada num colégio em Lisboa. Os meus pais eram os dois drogados. A minha mãe enviuvou e arranhou outro homem que abusou de mim toda a vida até morrer.*

Que dizer!... Como agir?! Eu estava vencido. — *Vem cá na segunda feira, hoje não tenho comigo dinheiro nem o livro de cheques. Mas vai saber bem qual a entidade a quem devo endossar o cheque.*

Ela veio e foi outra vez à missa. Mais dores! Mais sofrimento! Mais escuridão... O amanhã dela e do menino!...

Passei-lhe o cheque à individualidade apresentada.

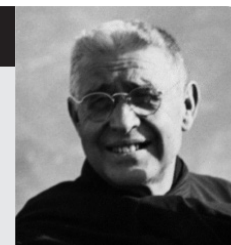
— *Oh! padre, pague-me ao menos dois meses de renda da casa. Olhe que devo ainda o Janeiro. O meu menino sofre de um rim, tem estado no hospital, não pode tomar alimento se não o que se vende na farmácia. Cada frasco custa 25€.* Dei-lhe o que me pedia.

É o submundo escondido onde Deus sofre e se revela!

Padre Acílio

DOUTRINA

Quem se arroga o título de educador, não é, por isso mesmo, um educador.



Foi na derradeira semana de Setembro de 1946 que resolvi retirar-me da Aldeia em gozo de merecidas férias, como diriam os amigos da Obra da Rua se tivessem de falar delas. Era em uma toca para esse fim cedida aonde passei dias regalados.

A actual lotação da Casa encontrava-se excedida por alguns números. Os professores ausentes. A suprema vigilância foi dada a... a um cego de nascença, mestre de canto coral! Era tardinha quando me despedi. Pois nessa mesma noite, o Carlos Inácio, em acto de comunidade, tomou a palavra para dizer aos companheiros, espontaneamente, esta coisa assombrosa: «Devemos portar-nos melhor na ausência de fulano (eu) do que na presença, para ele (eu) ter férias tranquilas!» Este rapaz tem catorze anos de idade! Pelos frutos é que se conhece a árvore. Não pode uma árvore sã dar frutos maus. A vida decorreu com aqueles acidentes normais e necessários em uma casa de cento e trinta e cinco almas. Visitantes de toda a hora observavam, maravilhados, a ordem mais desorganizada do Império português. Esteve um grupo do corpo docente de um dos principais institutos de educação da nossa terra. Viram com os seus olhos. Gostei de saber da presença deles. Demoraram duas grandes horas. O «Zé da lenha» indicou.

A verdade vê-se; não se mostra. Os que ateimam em não ver, sofrem por isso, sim, mas não a podem diminuir.

Tal na ausência qual na presença, os Farrapões de outra vivem em vida plena, no domínio de si mesmos, banhados de sol e de alegria.

— De onde vens?, perguntava o grupo dos docentes aos mais pequeninos que acudiam ao toque da merenda.

— De trabalhar!

Que o mundo responsável pela educação das juventudes leia com muita humildade esta «Nota da Quinzena». Basta que a leia com tanta como aquela com que é escrita. Quem se arroga o título de educador, não é, por isso mesmo, um educador.

Aqui, há tempos, alguém desancou-me pelos métodos da Casa do Gaiato e chamava-se a si mesmo *educador!* Uma pintinha de humildade levá-lo-ia num instante a compreender que não educa quem não for pai. Que preparação tenho eu? Aonde é que estudei? Que tenho eu lido? Se não amas a criança, aonde o que lês? Que é do que estudas? Para que presta o método? De que te serve o título de educador? «Eu cá sou um educador», dizia-me, na carta, o *homenzinho* que me deu a ripada! Tenho pena dele!

Vamos ao Evangelho. Como é que o Mestre educava os do Seu colégio? Como eles não haviam de ser rudes e difíceis, ao que se vê nos textos! Que fazia Ele? Mandava-os sentar ao pé de si, muito pertinho, e dizia-lhes que estivessem à vontade. Nas ofensas pessoais («Pode sair alguma coisa de jeito de Nazaré?»), nas ambições desmarcadas («Dá-me a tua direita»), nos desejos de vingança («Manda o fogo de Gomorra sobre esta gente») — em todas estas deformações da gente da rua, o Mestre curava cada um de sua maneira, mas a todos com o mesmo remédio. Qual? Amava-os. Eis.

Mandava-os comer. Oh ciência! Quando tenho alguma observação importante a fazer a um dos nossos, primeiro convido-o a jantar comigo, pertinho de mim, à minha direita; e depois falo. Ele escuta e cumpre, a menos que seja um perverso.

Pois como é que se selam os grandes tratados nacionais e internacionais senão com um *banquetezinho?*

PAI AMÉRICO, *Notas da Quinzena*, pg. 110-112.

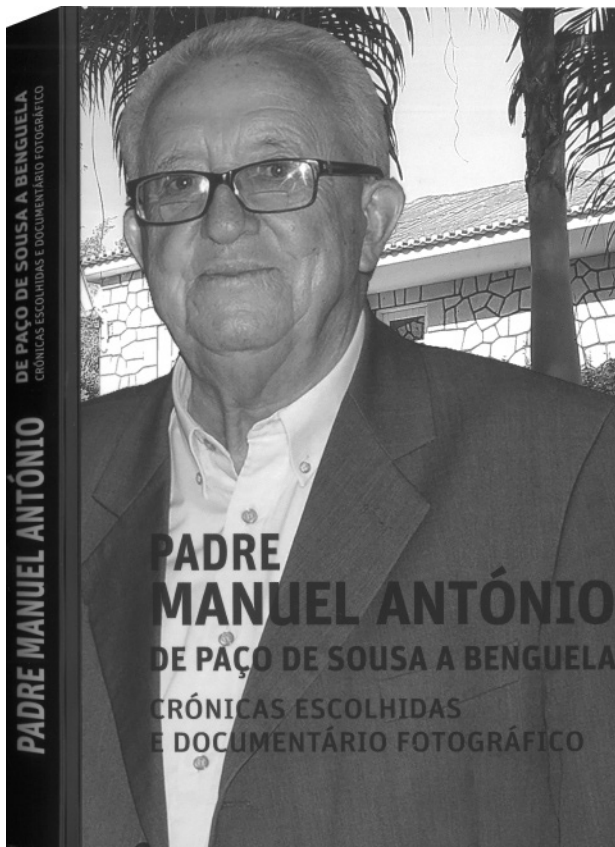
NOVO LIVRO

«A vida dos Pobres é muito dura! E não devia ser.

Os homens de negócios lamentam-se. Os operários queixam-se do mesmo modo. Mas quem partilhar da vida dos que nada têm, que há-de dizer? Como calar o grito de revolta das mães que querem pão para os seus filhos e não o têm? Que querem um tecto para os abrigar e vivem em barracas imundas? Que querem leite para os amamentar e têm os peitos secos e mirrados? Sou testemunha. A pequenina Augusta, de 11 anos, veio buscar-me, um dia destes, e levou-me ao lugar onde viviam. Abriu a porta e quis que eu entrasse. Vi tudo. Vi o telhado esburacado. Vi as enxergas húmidas pela chuva que caiu naquela noite.

Se fosse um caso ou outro... mas são multidão. Não se pode viver tranquilamente. Ninguém pode ficar indiferente perante uma sociedade assim.» [pg 151]

Enviá-lo-emos a quem no-lo pedir pelo telefone: 255 752 285, e-mail: geral@obradarua.pt ou directamente no site: www.obradarua.pt



dou muito o P.º Baptista a levantar esta Obra. Falou desse tempo e de como se tornou também um admirador de P.º Baptista e desta Obra. — *Tem aquele feitio, mas olhe que quem souber lidar com ele, ele é mesmo uma pessoa fora de série. Eu devo-lhe a vida...*

Narrou vezes e coisas de que ninguém está livre. — *Eu só pensava em matar-me... Fui trabalhar para esse meu primo e ele trouxe-me aqui, a P.º Baptista. Eu percebia de laboeira. P.º Baptista andava a levantar a vacaria. Conversávamos muito. Eu dava as minhas ideias, mas ele... Só que, tempos depois, lá estava ele a fazer como lhe tinha dito... E sempre nos demos bem.*

A conversa continuou ao correr da língua. Naquele conversar de nada que tanta falta faz nos tempos de hoje. Sobretudo em ambientes de família. Porque sem isso ela morre. Aos poucos, sim, mas vai morrendo, morrendo, para *definhar mesmo*. Porque, sem *laços de coração*, os laços de sangue até podem tornar-se perigosos. Precisam da força dos *laços de coração* para ganhar rijeza, aguentar-se no tempo e nas intempéries...

Depois, continuou: — *Sabe, eu às vezes sinto-me mal. Quando soube que ele já não estava aqui, apeteceu-me ir lá vê-lo. Mas não sei ir sozinho. Se algum de vocês fosse comigo, eu gostava de ir vê-*

-lo. Penso que o convencia a vir para aqui. Porque aqui é o lugar dele. Aqui estava perto de nós. Foi ele que criou tudo isto. O lugar dele é aqui. Como esteve P.º Manuel e como está P.º Telmo...

1 — «*Quod ore*» — expressão latina que significa qualquer coisa (*quod*) para meter à boca (*ore*).

2 — Joanika L.Tomé, 95 anos, que não dispensa aquela leitурinha, em momentos de maior fragilidade.

3 — A nossa D. Milu é a *retratista* Maria de Lurdes Chichorro, presente em galeiras de alto gabarito.

4 — Esta palavra é ambígua. Porque o *desapego* pode ser tão condenável como o apego desmesurado — a *raiar apego dependência*, em que a pessoa já não sabe viver aquela coisa...

Um admirador



Casa do Gaiato • 4560-373 Paço de Sousa

Tel.: 255 752 285 • Fax: 255 753 799

jornal.o.gaiato@obradarua.pt • geral@obradarua.pt

www.obradarua.pt

https://www.obradarua.pt/estatuto-editorial/

NIB: 0045 1342 40035524303 98

IBAN: PT50 0045 1342 40035524303 98 • BIC/SWIFT: CCCMPTPL

Proprietário e Editor: Obra da Rua ou Obra do Padre Américo

N.I.P.C. 500 788 898 • N.º de Registo 100398 • Tiragem: 12200

Director: Padre Júlio

Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes (C. P.: TE-555)

Impressão: Escolas Gráficas da Casa do Gaiato, 4560-373 Paço de Sousa

Redacção e Administração: Casa do Gaiato, 4560-373 Paço de Sousa

PÃO DE VIDA

Do ambiente digital

CONTINUANDO a abordar um dos pontos cruciais do Sínodo dedicado aos jovens, em Outubro de 2018, é incontornável que o mundo digital actual é um tema de suma importância. O ambiente digital, além dos benefícios, também está atravessado por limites e perigos de vária ordem, que são um grande desafio para as sociedades e também para a Igreja. De facto, «*não é saudável confundir a comunicação com o mero contacto virtual. Com efeito, 'o ambiente digital também é um território de solidão, manipulação, exploração e violência, até chegar ao caso extremo da dark web [internet obscura]. Os meios de comunicação digitais podem encerrar o risco de dependência, de isolamento e de progressiva perda de contacto com a realidade concreta, levantando obstáculos ao desenvolvimento de relações interpessoais autênticas.*» [Papa Francisco — *Cristo vive: Exortação apostólica pós-sinodal Christus vivit aos jovens e a todo o Povo de Deus*, 25 Março 2019, n. 88].

Neste mundo que nos é dado viver, no século XXI, depois de duas guerras mundiais, com tragédias terríveis, essas tristíssimas lições não foram aprendidas, pois continuam a disseminar-se maldades tremendas e os conflitos agudizando em várias áreas da Terra, como na Ucrânia, mártir e

heróica, numa espiral infernal, em que *o que é mau pode ser pior* [da lei de Murphy]. Pode, assim, provocar algum desalento que o mal se vá tornando banal; e haja pessoas que o determinem, pactuem e não façam sequer advertências. No entanto, recorde-se que, em 1961, na ONU, John Kennedy sublinhou o dilema: «*a humanidade tem de acabar com a guerra antes que a guerra acabe com a humanidade*». Parece, então, que actualmente se vai chegando à *banalidade do mal* [de Hannah Arendt], cuja enfermidade preocupante também acontece a nível digital.

A tecnologia digital deverá sempre promover a dignidade humana e a confiança entre as pessoas, aproximando-as, mas tantas vezes se desconecta de imperativos éticos. Como os conflitos emergem do coração humano [Mt 7, 21-22], isso também se verifica com a violência digital; embora neste cenário os intervenientes muitas vezes estejam incógnitos. A *cibersegurança* é uma preocupação crescente, surgindo os chamados *hackers* [pessoas que usam computadores para obter acesso não autorizado a dados] e com intenções prejudiciais, malévolas e fraudulentas – os *crackers* [piratas informáticos].

É de notar que, «*no mundo digital estão em jogo ingentes*

interesses económicos, capazes de fomentar formas de controlo tão subtis como invasivas, criando mecanismos de manipulação e do processo democrático. [...] Estes circuitos fechados facilitam a difusão de informações e de notícias falsas, fomentando preconceitos e ódios. A proliferação das fake news [notícias falsas] é a expressão de uma cultura que perdeu o sentido da verdade e que submete os factos a interesses particulares. A reputação das pessoas corre perigo mediante julgamentos sumários online. Tal fenómeno também afecta a Igreja e os seus pastores.» [Ibid., n. 89].

Os próprios jovens — *nativos digitais* — reconheceram que «*as relações on-line se podem tornar desumanas. Os espaços digitais cegam-nos relativamente à vulnerabilidade do outro, dificultando a reflexão pessoal. [...] A imersão no mundo virtual tem propiciado uma espécie de 'migração digital', quer dizer, um afastamento da família, dos valores culturais e religiosos, que conduz muita gente a um mundo de solidão e de auto-invenção, até ao ponto de experimentarem uma falta de raízes, mesmo permanecendo fisicamente no mesmo lugar. A vida nova e transbordante dos jovens, que impele e tenta auto-afirmar a sua própria personalidade, enfrenta hoje um novo desafio: interagir com um mundo real e virtual, em que penetram sozinhos, como num continente global desconhecido. Os jovens de hoje são os primeiros a fazer esta síntese entre a pessoa, o próprio de cada cultura e o global. No entanto, isso requer que consigam passar do contacto virtual a uma boa e sã comunicação*» [Ibid., n. 90].

Padre Manuel Mendes

PENSAMENTO

Gostaria que houvesse mais decisão perante a Obra das Casas do Gaiato. Precisamos dessa decisão. É necessário que os senhores mai-las senhoras limpem a vista e risquem os pontos de interrogação de uma vez para sempre: «Mas aquilo dará alguma coisa de jeito?»

Dá, sim senhor. Já deu. O único *defeito* que a Obra da Rua tem, é o de ir um nadinha fora do trilho e acender noutro morrão — mas não vai descarrilada nem apagada.

Não tenhas medo, homem de pouca fé! Jesus vai no barco. Nem prejuíques com o se qualquer donativo que hajas de oferecer como alguns têm feito.

PAI AMÉRICO,

Pão dos Pobres, IV vol. pg. 216

MALANJE

NO dia 14 entrou na nossa Casa um novo «Batatinha» de nome Vitorino. Órfão de pai e mãe foi recebido por uma família, quando era bebé, e que por motivos desconhecidos não pode seguir criando o rapaz. Nos primeiros dias ficou muito tímido, mas agora já está totalmente integrado na Comunidade. Foram os próprios «Batatinhas» que o receberam e mostraram a camarata da casa-Mãe. O nosso Benim pegou-lhe logo na mão e foi com ele a dar uma volta pela Quinta explicando-lhe todos os pormenores. Depois chegou a hora de aprender os nomes de todos da Casa, tarefa que ainda vai demorar um pouco.

Este mês tivemos que suspender as actividades da carpintaria por motivos diversos de falta de responsabilidade dos carpinteiros. Durante estes últimos anos enfrentamos muitas dificuldades. Sentimos a falta de uma pessoa que lidere essa oficina. Demos um prazo de um mês para tentar encontrar uma solução ou fechá-la definitivamente.

O governo vai aprovar uma subida do salário mínimo, que achamos bem, pois realmente a vida encareceu muito nestes últimos anos. Em nosso caso vamos ter muitas dificuldades, pois temos muitos trabalhadores no campo que dificilmente conseguem render para obter um ordenado. Diante desta situação vamos ter que optar por pedir mais uma ajuda à Obra ou prescindir de trabalhadores, com o que isto supõe para muitas famílias.

Agora praticamente a nossa Casa está dedicada à agricultura no cultivo do milho e tentar produzir ração para a nossa criação e possíveis clientes. Sabemos que a Obra sempre nos ampara e que o Pai Américo intercede por nós, por isso mesmo é que no fim do dia parece que não a força do Bom Deus nos levanta novamente para continuar a colaborar com o Senhor na construção do Seu Reino.

Padre Rafael

SINAIS

NA secretária de um amigo vi uma revista com a foto de Pai Américo e, na capa, em letras grandes: *Padre Américo — a ternura de Deus*. Sim, espelho fiel que soube transmitir esta ternura.

Ainda criança, ele conseguia tirar algumas coisas à mãe, para levar aos pobres. Sua ternura pelos pobres e com as crianças foi a primeira pedra do alicerce da Obra da Rua.

*

Padre Américo teve um sonho, sonho lindo e cheio de ternura: um lugar para doentes incuráveis e pobres. Ele morreu. P.e Baptista abraçou o sonho. Projectou edifícios, ruas, jardins, matas e fontes. Começou a receber doentes: ele o padre, senhoras da Obra e voluntários — lavavam, vestiam e davam de comer aos doentes. Como? Não há assalariados? Ternura de Pai Américo gerou ternura em tantos corações.

Surgiu o problema da sepultura para os que iam falecendo... P.e Baptista construiu um cemitério.

O cemitério do Calvário. Na entrada, numa lápide, a poesia:

*Cemitério branco e liso
Varrido do vento norte
Ai que limpeza de terra
Ai que limpeza a da morte.*

*Tão limpo e tão liberto.
Àqueles que aqui estão
Porque lhes chamamos mortos?
Vivos sim e mortos não.*

*E o vento bem o sabia
Quando por aqui passava.
Era por mim que pedia
E não por eles que rezava.*

*

Por intervenção dos serviços sociais, fizemos obras de requalificação que estão a chegar ao fim. Os doentes foram retirados pelos serviços sociais. Eles prometeram entregar, no fim das obras, os doentes que quisessem regressar.

Esperamos. São da nossa família. Filhos da ternura de tantos corações apaixonados.

Padre Telmo

Página da OBRA DA RUA na internet



Visite o nosso site em www.obradarua.pt e encontrará diversa informação:

- Contactos
- Assinatura e leitura do Jornal O GAIATO e do Boletim AMANOS seus dois formatos:
 - Edição digital
 - Edição impressa, digitalizada em PDF
- Livros da nossa Editorial e outras
- Biografia de Padre Américo
- Pedagogia da Obra da Rua
- Padres da Rua
- Memorial / Museu Padre Américo
- Documentação diversa. □